

MARCADORES CULTURAIS NA TRADUÇÃO DO CONTO “LA FACTORÍA DE FARJALLA BILL ALÍ”, DE ROBERTO ARLT*

ALINE ALMEIDA DUVOISIN¹; JULIANA STEIL²

¹ Universidade Federal de Pelotas – aliduvoisin@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – julianasteil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma discussão em torno da tradução para o português brasileiro do conto “La factoría de Farjalla Bill Alí”, escrito por Roberto Arlt e incluído no livro *El criador de gorilas*, que reúne histórias que se passam em países da África e da Ásia.

Arlt é hoje um autor importante no cânone literário argentino, sendo considerado um dos precursores da literatura moderna em seu país. Em levantamento do histórico de traduções de suas obras no Brasil, constatou-se o interesse, embora tardio, do polissistema literário brasileiro por suas narrativas (DUVOISIN; STEIL, 2021). Todavia, verificou-se que há contos e textos dramáticos de sua autoria ainda indisponíveis em português. Por isso, decidiu-se dar continuidade à pesquisa em tradução comentada de sua contística.

O comentário à tradução de “La factoría de Farjalla Bill Alí” concentra-se nos aspectos culturais, especificamente os denominados marcadores culturais. Pretende-se com isso contribuir para o desenvolvimento dessa área de estudo, já que os marcadores culturais “[...] representam, ao lado da função poética da linguagem, as principais dificuldades tanto do fazer tradutório quanto da reflexão sobre o traduzir” (AUBERT, 2006, p. 25).

2. METODOLOGIA

AUBERT (2006, p. 24) ressalta que a falta de conceituação precisa pode fazer com que se considere marca cultural “[...] tudo aquilo que não encontra explicação suficientemente convincente no quadro da descrição linguística contrastiva senso estrito”. Desse modo, foi importante identificar, durante o projeto tradutório do conto, trechos marcados culturalmente – tarefa que AUBERT (2006, p. 23) considera “[...] fundamental para as pesquisas descritivas em tradução e em linguística contrastiva baseada em corpora de originais e traduções”, que é justamente o caso deste estudo.

Os marcadores culturais são entendidos como fatos de discurso. Portanto, a análise do texto e de seus segmentos verbais é feita sobre termos e frases atualizados em um contexto e um co-texto determinados. Isso “[...] implica que o potencial de significação de uma palavra ou de uma expressão se realiza apenas parcialmente” (AUBERT, 2006, p. 27).

Outra característica dos marcadores culturais é que eles se revelam apenas no confronto pela diferenciação, ou seja, remetendo “[...] a um elemento distintivo,

* Agradece-se à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul pela bolsa (PRO-BIC/FAPERGS) concedida para a realização do estudo que deu origem a este trabalho.

[...] a algo que diferencia determinada solução expressiva linguisticamente formulada de outra solução tida por parcial ou totalmente equivalente” (AUBERT, 2006, p. 29). Dessa forma, os marcadores culturais não são localizados simplesmente no texto-fonte, mas sim no cotejamento entre este e o texto-meta.

Tendo isso em conta, apresentam-se aqui alguns exemplos das reflexões que deram origem a uma decisão tradutória e não a outra, marcando ou não culturalmente a tradução de certos trechos do conto “La factoría de Farjalla Bill Alí” / “A feitoria de Farjalla Bill Alí”. Tais decisões se embasam nos três aspectos referenciais segundo os quais os marcadores culturais se diferenciam: referencialidade intralinguística, referencialidade intertextual, referencialidade extralinguística (AUBERT, 2006).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os marcadores culturais relacionados à referencialidade intralinguística se ancoram na estrutura léxico-gramatical, quer dizer, estão cristalizados no código linguístico (AUBERT, 2006, p. 30). Pode-se mencionar como exemplo os dêiticos de pessoa “tu” e “você”. Optou-se pela tradução do pronome personal “tú” pelo pronome de tratamento “você” na maioria do conto e pelo pronome pessoal “tu” em alguns trechos específicos, como se havia feito em tradução anterior (DUVOISIN; STEIL, 2021). Essa decisão tradutória advém de uma possibilidade gramatical do português brasileiro. Exceto em algumas regiões do Brasil que ainda empregam o sistema tradicional que estabelecia diferença de formalidade entre “tu”, “você” e “o(a) senhor(a)” (BRITTO, 2012), não se costuma diferenciar esses dêiticos, a não ser pela necessidade de conjugação verbal distinta – o que na oralidade geralmente não se cumpre. Não se empregou “tu” ao longo de todo o texto-meta porque “você”, embora não seja neutro como muitas vezes se costuma afirmar, é o pronome mais hegemonicamente aceito no Brasil, sendo o mais usado nas mídias acessadas pela maioria dos brasileiros (BRITTO, 2012). A decisão pelo “tu”, no caso do conto trabalhado, expressa-se na conjugação verbal, pois em muitos casos os dêiticos estão ocultos, como ocorre em: “No enderezarás la cola de un galgo aunque la dejes veinte años metida en un cañón de fusil” / “Não endireitarás o rabo de um galgo nem que o deixes vinte anos dentro do cano de um fuzil” (ARLT, 1969, p. 13, tradução nossa).

Embora parte da decisão tradutória para o uso de um dêitico e não de outro se ancore na estrutura léxico-gramatical, estende-se para além dela porque visa a manter a intertextualidade que parece haver com tons de mandamento presentes em textos sagrados – intertextualidade essa que já havia sido observada no conto “El cazador de orquídeas” (DUVOISIN; STEIL, 2021). Sendo assim, recorre-se também à referencialidade intertextual, cujos marcadores se localizam “[...] no acervo dos dizeres, das falas, dos discursos que, por qualquer motivo, incluem-se no repertório do grupo sócio-linguístico relevante” (AUBERT, 2006, p. 30).

Fazem parte disso: referências a outros textos, que podem ser mais universais ou mais locais, exigindo procedimentos diferentes durante o processo tradutório. AUBERT (2006) destaca que, nesse caso, a plenitude de sentido somente se realiza se a remissão intertextual puder ser percebida pelos leitores. Salienta-se que os contos reunidos no livro *El criador de gorilas* têm estrutura de peripécia na qual o destino das personagens é conduzido por Alá (ARLT, M., 1969); isso faz com que haja referência específica à religião muçulmana, mas os leitores, de modo mais abrangente, podem acessar seu sentido, visto que há um tom semelhante aos mandamentos do texto bíblico.

À parte a questão dos pronomes pessoais e de tratamento, poder-se-ia haver traduzido o provérbio por uma correspondência em português como “pau que nasce torto nunca se endireita” ou “pau que nasce torto morre torto”. Entretanto, o trecho já era marcado no texto-fonte, visto que se trata de um provérbio árabe (como é explicitado no próprio conto) empregado em um texto que tinha como público-alvo leitores argentinos. Dessa forma, a tradução não é marcada nesses trechos, embora eles sejam marcados tanto dentro do conto em espanhol – “La factoría de Farjalla Bill Alí” – quanto dentro do conto traduzido – “A feitoria de Farjalla Bill Alí”. Apesar de haver uma diferenciação que coloca uma questão cultural em destaque em ambos, do ponto de vista tradutório, não há um marcador cultural. No caso das conjugações verbais, empregou-se terceira pessoa do singular quando não há remissão ao discurso religioso, mesmo quando se trata de imperativo, apesar dessa forma não ser tão usual. Como argumenta BRITTO (2012), trata-se de uma opção mais formal, que só é utilizada numa situação cotidiana quando o falante quer se colocar numa posição hierarquicamente superior ao ouvinte. Esse emprego se justifica nos momentos em que Farjalla se dirige ao narrador, que é seu empregado: “Ve y emborráchate” / “Vá se embebedar” (ARLT, R. 1969, p. 16, tradução nossa); “Ven al almacén” / “Venha ao depósito” (ARLT, R. 1969, p. 16); “Búsca-te otro amo” / “Busque outro amo” (ARLT, R. 1969, p. 19). O mesmo vale para quando Farjalla fala com a escrava Tula – “¡Calla esa boca!” / “Cale essa boca!” (ARLT, R. 1969, p. 20) – e também para quando o narrador se dirige ela: “Trae el gorila” / “Traga o gorila” (ARLT, R. 1969, p. 20) e “¡Ayúdame!” / “Me ajude!” (ARLT, R. 1969, p. 21). Constrói-se, ao longo de todo o conto, uma hierarquia entre essas personagens, na qual Farjalla está no topo. O uso da conjugação verbal em terceira pessoa na tradução, entretanto, marca o texto-meta em relação ao texto-fonte e, diante da alternância entre o uso particular que se fez dos dêiticos – ora empregando tu, ora você –, pode causar certo estranhamento no leitor. Dessa forma, há uma diferenciação aqui que marca a tradução e coloca uma questão cultural em destaque, caracterizando-a como marcador.

Por fim, a referência extralinguística concerne a “[...] termos, vocábulos e expressões em que o significado designa um referente não-linguístico”, podendo pertencer aos domínios da ecologia ou das culturas material, social, religiosa ou ideológica (AUBERT, 2006, p. 31). A separação entre esses domínios não é tão clara nem rigorosa, podendo haver intersecção entre eles.

Somente o co(n)texto de atualização do termo poderá determinar qual o domínio que, em determinado momento de determinado discurso, pode ser tido como dominante; no entanto, o próprio co(n)texto pode revelar-se, deliberadamente ou não, ambíguo (AUBERT, 2006, p. 31).

É o que ocorre, por exemplo, com “elefantes” e “gorilas”, que, no conto “La factoría de Farjalla Bill Alí”, pertencem tanto ao domínio ecológico quanto ao domínio cultural. Isso fica claro quando o narrador menciona a exploração desses animais por parte dos seres humanos locais. Quando esses animais aparecem no conto, o leitor é situado numa região geográfica que é habitat para esses animais. Logo, quando o narrador cita um “criadero de gorilas” e uma “academia de elefantes”, faz referência a práticas culturais que não ocorrem em qualquer lugar do mundo, situando assim novamente o leitor, agora num universo cultural. Sendo assim, essas expressões são marcadas para o público leitor do texto-fonte. Arlt o escreveu para hispafalantes que vivam na Argentina, incluindo na história referências a outro país e cultura. A escolha tradutória levou o trecho a ser igualmente marcado

no interior do texto-meta, pois preserva a referência à cultura africana, exigindo do leitor certo esforço na compreensão do que seria um “viveiro de gorilas” e uma “escola de elefantes”. Apesar de haver uma diferenciação que coloca uma questão cultural em destaque tanto no interior do texto-fonte quanto no interior do texto-meta, a tradução propriamente dita não é marcada e, portanto, do ponto de vista tradutório não se trata de um marcador cultural.

4. CONCLUSÕES

As reflexões surgidas na aplicação das propostas de AUBERT (2006) para o tratamento de questões culturais na tradução do conto “La fatoria de Farjalla Bill Alí” mostram que, devido a questões culturais que permeiam o uso da língua, alguns trechos que não eram marcados no texto-fonte terminaram marcados no texto-meta, acentuando aspectos culturais já presentes no texto original.

O principal desafio encontrado ao traduzir marcadores culturais é que estes não existem por si só, mas dependem da percepção dos leitores, sendo o tradutor também um leitor. Quer dizer, o conhecimento de mundo do tradutor e o domínio que tiver do repertório recuperado pelo autor influenciará diretamente em sua capacidade ou não para refazer as estruturas de sentido do texto-fonte. Pretende-se discutir outros trechos do conto, a fim de aprofundar a reflexão sobre aspectos culturais da obra de ARLT e buscar como melhor traduzi-los ao português brasileiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARLT, M. Presentación. In: ARLT, R. **El criador de Gorilas**. Buenos Aires: Compañía General Fabril, 1969.

ARLT, R. **El criador de gorilas**. Buenos Aires: Compañía General Fabril, 1969.

AUBERT, F. H. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, n. 5, p. 23-36, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reo/article/view/90699>. Acesso em: 08 set. 2021.

BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

STEIL, J. Reflexões iniciais para a tradução do conto “El cazador de orquídeas”, de Roberto Arlt. In: XXVIII Congresso de Iniciação Científica da 5ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPel, 2019, Pelotas. **Anais 2019**, 2019.

DUVOISIN, A. A.; STEIL, J. Traduzindo Roberto Arlt: o caso de “El cazador de orquídeas”. **Cadernos de literatura em tradução**, v. -, p. 187-219, 2021.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN; A. **The Map** – A beginner's guide to doing research in translation studies. Manchester: St Jerome Publishing, 2002.